

Rio de Janeiro
Setembro de 1997

JORNAL

Jornal do Pré-Vestibular
para Negros e Carentes

azânia

Editorial

O jornal Azânia voltou, e seu maior desafio é deixar de ser um "evento", ou seja, deixar de ser algo que acontece de vez em quando, como se fosse um fenômeno da Natureza. Este veículo de informação não pode ser apenas um "jornalzinho" que perambula pelos Prés, e pouca informação tem, assim como textos que somente "iniciados" conseguem entender. O jornal Azânia deve ser entendido como uma conquista de todas as pessoas que estão construindo este movimento, como algo que além de informar formará as consciências das pessoas que estarão dentro das Universidades.

A importância de um jornal dentro do nosso movimento se dá pelo fato de que nosso movimento é um movimento de formação e informação. A informação é a mola mestra do processo de libertação do indivíduo. A dominação, a castração e a manutenção do poder em detrimento dos excluídos se dá quando a informação é detida e deturpada por quem a detém.

É preciso ressaltar o caráter libertário que por obrigação deve estar presente em nosso jornal, e **transformar** o indivíduo com nossa informação. Além da necessidade de existir um órgão, um meio de democratizar as notícias dos Prés, o Azânia também deve divertir, e sendo assim tornar-se completo.

Estas primeiras palavras, modestas, quicá tímidas, talvez não sirvam de subsídio para uma real apresentação, mas como são sinceras, fica no ar o pedido de colaboração de todos os envolvidos no processo de criação do jornal Azânia: todo e qualquer aluno, todo e qualquer professor, todo e qualquer coordenador, enfim, toda e qualquer pessoa que tenha uma idéia para ser exposta e debatida, e este é o fórum inicial de qualquer debate. Estamos ansiosos pela presença de vocês, de todos vocês.

Os Editores

AS UNIVERSIDADES E O LUCRO

As Universidade poderão ter "lucro abertamente", pois o presidente Fernando Henrique Cardoso assinou um decreto fixando novas regras para o credenciamento e descredenciamento dessas instituições. Não que isto deixasse de ocorrer anteriormente, muito pelo contrário, porém, a partir de agora, este lucro passou a ser legal, não sendo mais necessário que os donos dessas entidades burlem as leis como outrora. É simplesmente uma questão de dar-lhes a possibilidade de se definir como lucrativas ou não.

O Governo diz que vai exigir prestação de contas das Universidades e

faculdades particulares e, segundo o Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, o sistema de ensino superior passará a ter uma "transparência maior" a partir do Decreto 2.207. Este decreto facilita o surgimento de novos cursos e altera a classificação dessas entidades. Até então elas se dividiam em: universidades e não universidades, sendo agora subdivididas em: universidades, centros universitários, institutos superiores e escolas superiores. As universidades deverão possuir departamentos de pesquisa, ensino e extensão, além de terem autonomia para abertura de novos cursos, sem precisarem se submeter à demorada análise

do MEC e depois a do Conselho Nacional de Educação. Os centros universitários ficam isentos de desenvolverem pesquisas e também usufruirão dessa autonomia. As faculdades integradas não a possuirão.

O curso que não for instalado no prazo máximo de 12 meses terá sua autorização revogada, e os cursos na área médica deverão passar pelo aval do Conselho Nacional de Saúde.

O MEC alega que essa mudança elevará, pouco provável, afinal, as universidades privadas sempre tiveram lucros e sempre foram também contribuintes para o sucateamento da educação.

Página 02

- Universidades Públicas dão a largada
- A que vale o que nos valham ?

Página 03

- Os meios de comunicação
- Carta à Pró-Reitoria Comunitária

Página 04

- Entrevista: Wagner Bezerra

Página 05

- Afrofobia ontem e hoje

Página 06

- Mercado Negro

Página 07

- Pô, Barretão, o que é isso?

Página 08

- O que é isto companheiros?
É uma luta de todos !

Página 09

- Uma breve visão dos partidos políticos brasileiros

Página 10

- Violência policial / Calendário

UNIVERSIDADES PÚBLICAS DÃO A LARGADA

O preço da inscrição em cada uma ficará entre R\$50 e R\$ 60. A coincidência no dia das provas será evitada.

Sete instituições públicas - UFRJ, UFF, UERJ, UFRRJ, Ence, Cefet e UNI-Rio - divulgaram em 3 de junho o cronograma de provas para o vestibular deste ano. Representantes de cada uma delas se reuniram antes para que não houvesse coincidência de datas (com exceção da UNI-Rio e da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Ence) para que um mesmo candidato possa submeter-se a todas as provas, caso haja interesse. O preço da inscrição ainda não foi estabelecido, mas deverá ficar entre R\$ 50 e R\$ 60 em cada uma. Por isso, o candidato que tentará prã todas, deve se ligar nos prazos de pedido de isenção de taxa. A UFF já teve o seu e a UERJ revelou que entre 12 a 15 de agosto, na Capela Ecumênica, estará recebendo as inscrições para a isenção.

Os critérios de avaliação e correção de provas não sofreram alterações profundas. O número de vagas também será o mesmo oferecido no vestibular passado, com exceção do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet), que abriu dois novos cursos: engenharia de produção e administração industrial, tendo um total de 160 vagas a mais, 40 por semestre em cada um.

No edital da UFRJ, uma mudança já acertada

se refere ao número de vagas oferecidas para o curso de engenharia mecânica. Em vez de 60 para o primeiro semestre e 40 para o segundo, serão oferecidas 50 vagas por semestre. O turno da noite nos cursos de fonoaudiologia e fisioterapia foi extinto, tendo os seus alunos aulas de manhã ou à tarde e as aulas práticas em hospitais.

Na UFF, uma alteração anunciada pelo coordenador acadêmico Ricardo Prado provavelmente agradará aos candidatos: o número de questões de múltipla escolha da primeira fase das provas foi reduzido de 80 para 60. A grande novidade é que, na segunda etapa, a universidade vai limitar em dez por um a relação candidato/vaga. Outra novidade é que quem quiser cursar engenharia metalúrgica terá que optar diretamente por este curso, não podendo entrar para a engenharia e escolher a especialidade depois.

A Universidade Rural está em conversação com a prefeitura de Paracambi, para que através de convênio, seja construída naquela cidade um posto avançado da Universidade para o curso de administração rural com vestibular já no meio deste ano. A Cefet vai ter o seu primeiro vestibular isolado e diminuirá, na segunda etapa, a relação candidato/vaga para 5/1.

As outras universidades, não deram previsão de nenhum tipo de mudança.

A que VALE o que nos valham?

"Insetos não picam por maldade, mas porque querem viver. Acontece o mesmo com os críticos. Não querem nosso sangue, nosso sofrimento: querem apenas produzir seus textos."

NIETZSCHE

Na derrocada do mundo capitalista, construções que se querem coletivas, configuram-se como a plataforma básica de um movimento efetivamente pluridemocrático, advindo do enfoque pluralista qualificado. Ao lê-se crise econômico-social do "Clube dos sete", visualizamos o quanto carece de organização coletiva as ações que se querem transformadoras; algumas destas não apresentam propostas de gestão alternativa, configurando-se em uma projeção de mera resistência. Inseridas no molde de produção capitalista, tais ações tentam emergir um corpo de conhecimentos que, sistematizados, apresentam-se como uma estratégia de contrapoder.

Mas essas mesmas ações conjugam no fetichismo uma palavra imã da utopia, revelando um discurso falsamente engajado e travestido de social. Imaginamos que Marx esteja com gastrite crônica por "estar vendo" que, de sua obra Macro (O Capital),

retiram termos historicamente localizados para, atendendo objetivos de "figuras intelectuais", distorcer o sentido primeiro das idéias.

Sem utopia não há mudança, sem mudança não há movimento, sem movimento contrariamos a vida. Por que então fetichizar o concreto? Por que barateia-se o sentido primeiro de utopia nos discursos ditos específicos?

A QUE VALE O QUE NOS VALE?

Fetichismo estratégico, utopia do welfare, sim! Somos vítimas de nosso próprio discurso que, por razões conjunturais, deixa de fortalecer uma ação de defesa dos interesses nacionais (sic!) a fim de cuidar de seu próprio umbigo. Por conta da estratégia abdicamos da coerência e da honestidade política. Tentamos perceber aqui os movimentos sociais organizados (principalmente os sindicatos), que por razões várias, não colocaram (salvo raros momentos) às claras o que era uma das principais forças econômicas brasileiras: A Companhia Vale do Rio Doce.

A QUE VALE O QUE NOS VALHAM?

Devemos deixar morrer a utopia no vago de um trem de ferro? Fetichizar uma das últimas esperanças de resistência sócio-econômica? Percebemo-nos impotentes na resistência e frágeis na

(continua na pág. 03)

luta, sentimo-nos fortes na percepção e estruturados na utopia. Mas perguntamos: A Companhia Vale do Rio Doce é nossa? A que veio a "nossa"? Se é o Estado o quartel general da classe dominante a quem sempre pertenceu a Companhia Vale do Rio Doce? A quem atende a coletivização dos interesses do movimento dessa dita privatização?

A QUE VALE O QUE NOS VALHAM?

Detentora de 25% do mercado mundial de ferro, a principal multinacional brasileira, projeto Carajás garantindo 400 anos de exploração de minério, lucrativa, maior transportadora sobre trilhos do país, maior exportadora brasileira, atuante em 237 municípios do país, "trunfo" nacional de globalização. São veias que fundamentam o argumento da não-privatização e que tentam convencer a opinião pública de que a Vale não pode ser tirada da mão do Estado.

A QUE VALA A VALE?

O Estado-empresário deve findar-se, e a Vale é um mau negócio para o governo, desenvolvimento deixou de ser tarefa para as estatais, a prioridade não é mineração, mas a questão social. Pontos a favor da privatização.

Somos ícones de nossa própria miséria e, nesse momento, tentamos resistir a mais uma ação de extorsão social, mas provamos do nosso próprio veneno, por só resistir e não construir propostas sólidas. Sim! Somos contra o "bingo" da Vale do Rio Doce onde só os consórcios eleitos compram as cartelas, mas choramos nossa eterna (?) incapacidade de conjugar, no âmbito da luta, a unidade da diversidade.

Nos vale a VALE, mas quanto valeu a nossa omissão?

MARIO FUMANGA

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Hoje vivo entre chips e super-chips, sinto saudades do tempo dos fusíveis e transistores. Naquela época pairava sobre o ar a beleza das pessoas, elas se conheciam, se amavam, brigavam ..., eram humanas.

Hoje chego em uma padaria e não posso reclamar que o café está frio, sem açúcar, amargo. Computadores não erram, são perfeitos; padeiros erravam ..., eram humanos.

Hoje tenho uns quinze amigos, conheço quinze pessoas intensamente; também conheço cada programa dos vinte

computadores existentes em minha sala. Tenho quinze amigos, vinte computadores.

Ontem eu ouvia um barulho na sala, eram meus cachorros, barulhentos. Hoje, ouço um barulho estranho na sala, mas, o que será? Pode ser o telefone, o fax, o computador ou aquela máquina que eu ainda não decorei o nome. Cachorros não baulhentos e engraçados, máquinas tecnológicas são barulhentas e sem graça.

Hoje sei o que há de errado: os humanos eram imperfeitos em sua essência. Máquinas tecnológicas de tão perfeitas,

chegam a não ter essência. Escrevo de minha sala, direto do ano 2026, em meio a fios e máquinas mirabolantes, todas perfeitas.

Hoje compreendo porque os humanos alcançaram este enorme avanço tecnológico. Um dia eles inventarão uma máquina não menos mirabolante que as outras, e nos levarão pelo tempo, de volta ao passado, na época em que circulavam os bondes, os rádios chiavam e os telefones eram novidade. E descobrirão que antes era melhor, muito melhor.

LINCOLN DA MATA GONÇALVES
Aluno do Pré-AFE

Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1997.

À Pró - Reitoria Comunitária

A UNIÃO FAZ A FORÇA

O PRÉ - VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES surgiu na Bahia, em 93, e veio para o Rio de Janeiro através de um Frei. A princípio, foi aberto apenas um núcleo na Igreja Matriz em São João de Meriti, porém, no ano seguinte, como teve uma procura de, aproximadamente 1.200 pessoas, houve a necessidade de ampliação do projeto. Hoje, são cerca de 50 núcleos, divididos entre Rio, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. O PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES tem destruído barreiras e ultrapassado muitos, muitos limites.

Por meio do projeto, muitos jovens estão ingressando nas universidades públicas e particulares (com bolsas de estudo). Destas instituições de ensino superior, a UNESA destaca-se por ter o 2º maior número destes alunos, - estando à frente apenas a PUC, com mais de 100 alunos com bolsas de 100% - que entraram no 2º semestre de 94. A priori 154 prestaram o vestibular, sendo 85 aprovados e destes 69 matricularam-se com uma bolsa de 80% concedida pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da Instituição, sob a responsabilidade do Sr. Marcelo Campos.

Porém, apesar de pagarem apenas 20% do valor total do curso, estes alunos, há muito, vêm enfrentando grandes

dificuldades, tanto financeiras quanto psicológicas, tendo que padecer a cada semestre, lutando contra a tensão, o desespero e convivendo com a incerteza.

No início do segundo semestre de 95, a Universidade resolveu cortar gastos e começou, assim, a incisão dos alunos carentes, "bolsas de 80%" já não mais faziam parte dos interesses da Instituição e o limite máximo permitido seria 50%. Diante de tal situação, estes jovens, acuados, cujos sonhos expiravam ali, conseguiram com luta e garra negociar mais um semestre com bolsas de 80%, pois os 50% eram inviáveis, ou melhor, impagáveis, tratando-se de pessoas carentes.

Finalmente, quando o ano de 1995 estava para terminar, 27 jovens conseguiram ingressar no CREDUC, e, aos 24 restantes, a Universidade concedeu uma bolsa de 70% que, a cada semestre, corre o risco de ser diminuída, pois a Instituição alega contenção de despesas.

Estes 24 jovens querem estudar mas, para isso, precisam de uma segurança, e pedem para a que a tradicional e respeitadíssima Universidade Estácio de Sá retorne ao percentual de 80%, até que todos consigam ingressar no Crédito Educativo. E há de se lembrar, que este não abre inscrições desde 95.

Os carentes esperam que: assim como a mãe protege sua prole, a UNESA zele por seus alunos, pois estes são, nada mais, nada menos, que criações suas.

AFROFOBIA ONTEM E HOJE

Muitos afirmam que uma história popular é fundamental para que se estabeleça uma referência de ação positiva, para que o homem simples se veja enquanto agente transformador. Não é à toa que os grupos insurrecionais latino americanos tenham nomes como Tupac Amaru, EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) e outros.

A história desses homens (Tupac Amaru, Emiliano Zapata, Sandino...) serve de caminho para o resgate de uma identidade perigosa. Mas o que acontece em outras terras não acontece por acaso. Eles têm a lembrança, e nós, o esquecimento. Porém esse desconhecimento não é gratuito.

Nossos atuais governantes são herdeiros das antigas oligarquias e eles (é lógico) têm consciência da "linhagem" a que pertencem. Só a título de exemplo: nos galhos da árvore de uma das quatro principais famílias do período colonial (os Lemes) não só são encontrados nomes de presidentes da República Velha - Prudente de Moraes, Campos Salles, Hermes da Fonseca e Washington Luís - como ministros de governos recentes - Mário Henri-que Simonsen, Zélia Cardoso, e até ele-mentos da "esquerda", como é o caso de Leonel Brizola. Portanto é fundamental para a segurança da estrutura social vigente, ainda sustentada no modelo colo-nial, que o povo não tenha ou (melhor para eles) não aceite a origem no outro lado da moeda, o lado negro da força.

Por isso o racismo é tão importante. Se o escravo foi o elemento original de grande parte de nossa população e se a história de resistência desses homens e mulheres pode servir de mal exemplo para as gerações futuras

(como a história de Tupac Amaru e Emiliano Zapata serviu) se torna urgente quebrar essa espinha dorsal, fazer com que o povo procure negar a si mesmo, que ele tente sempre apagar a mancha negra que possui. Não só na cor mas, principi-palmente, na consciência.

Mas o lado negro da força sempre surpreende, e é essa a grande preocupação das elites. Quando o povo tomar ciência de seu verdadeiro passado que, é também seu verdadeiro futuro, verá que nele não há espaço para os clãs modernos (*tecnoclãs*) que nos governam atualmente. Levantar do "berço esplêndido" é acordar para uma nova realidade.

E as estratégias de controle e/ou de extermínio da população afrodescendente, além do medo do lado negro da força recebem o nome de **AFROFOBIA**.

A AFROFOBIA de certa forma sempre existiu. Mas é a partir da segunda metade do séc. XIX que esse processo assume a forma que lhe permite o uso correto desse nome.

A hegemonia das idéias racistas no final do séc. XIX preocupavam profundamente a aristocracia brasileira. Como fazer uma *nova ordem mundial* vivendo num país onde a maioria da população é composta de negros e mestiços? Estavam perdendo o trem da história. Contra isso era preciso um *exercício racial* organizado na seguinte forma, segundo um dos princi-pais intelectuais da época, o historiador Silvio Romero:

"A vitória na luta pela vida pertencerá no porvir (futuro), ao branco; mas para essa mesma vitória (o branco) tem necessidade de aproveitar-se do que de

útil as outras duas raças lhe podem fornecer; máxime a preta, com que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. O ideal principal é o do desaparecimento da questão negra pelo próprio negro, gradualmente absorvido pelos brancos."

A imigração não foi o único método de embranquecimento. Antes que a imigração fosse utilizada em larga escala, a guerra do Paraguai também serviu de instrumento embranquecedor, já que durante a guerra, a população negra caiu de 45% para 15%; cada filho de senhor que não fosse à guerra era trocado por vários escravos. Os soldados lutavam no front sem armas usando a capoeira para se defenderem, em caso de feridos não recebiam assistência, muitos marchavam quilômetros descalços. E mesmo assim, contrariando as expectativas do Império, sobreviveram.

A guerra do Paraguai e as políticas de imigração se mostraram inúteis, caso se considere o seu objetivo principal. O lado negro da força tomou a convivência com a parcela negra do Brasil uma realidade inevitável, convivência que não seria nada tranquila. Revoltas como a da Vacina, da Chibata (liderada pelo *Almirante Negro João Cândido*), e a vaia do Paço foram violentos murros da mão negra na política café com leite da velha república.

• SANTOS, JOBSON LOPES IN: "DA AFROFOBIA E OUTROS DEMÔNIOS".

ANUNCIE
AQUI!

ANUNCIE
AQUI!

ANUNCIE
AQUI!

ANUNCIE
AQUI!

ENTREVISTA: WAGNER BEZERRA

"Ninguém muda a história" disse Luciano Calegari.
"Eu quero mudar a história da TV no Brasil".

Responsável pela campanha política de ACM, o jornalista carioca trouxe à tona algumas das sujeiras de Roberto Santos, ex-ministro da Saúde pelo PMDB, que em 1982, liberou a venda de sucos contaminados. O título da série: "O Ministro que virou suco".

Os programas educativos, em seu ponto de vista, devem ser inseridos nos intervalos do horário nobre de televisão, sendo que os veículos de maior audiência tem prioridade. No Brasil, através de uma pesquisa feita por Flavio Ferrari do IBOPE em 1995, descobriu-se que o maior número de telespectadores são, em sua maioria, formados por crianças. Sua preocupação fundamental é de como a TV tem contribuído para a formação deste público mirim.

Wagner Bezerra estudou no Instituto Metodista em São Paulo, transferindo-se faltando apenas seis meses para conclusão de seu curso para a Universidade Federal da Bahia, onde formando-se em 1985. Este jornalista, que também é formado em Pedagogia, talvez por isso sua grande preocupação com temas educacionais, tem 34 anos, é divorciado e pai de quatro filhos. Ex-diretor do Plantão da Língua Portuguesa e TV Escola na TVE Rio e, atualmente, leciona as disciplinas de Planejamento em Comunicação e Criação publicitária na Faculdade Carioca.

Wagner, acompanhado de uma boa sopa de siri e torradas, deu-me esta entrevista na noite fria de domingo, em um restaurante na Vila da Penha.

Cecília - O que o levou a optar pelo jornalismo?

Wagner - Sei lá, sempre achei que tinha tendência pra escrever. Aos 14 anos fazia poesias e disse a minha mãe que seria jornalista. Ela me ouvia, mas não acreditava muito em que eu dizia. Meu pai, que era militar, achava que poesia era coisa de bicha, porém, jamais cedi as suas suspeitas. Tirei o 2º lugar no concurso nacional José Sarney de poesia brasileira e publiquei o livro "Oração da vida", com 5 mil exemplares que se esgotaram rapidamente. Depois disto, acho que não havia saída além do jornalismo.

Cecília - Como foi o início de sua carreira?

Wagner - Fui recomendado pelo Professor Libório para trabalhar como repórter na TV Bahia, pertencente a Antonio Carlos Magalhães, que transmitia a programação da TV Manchete. Mas, depois de um mês, este mesmo professor indicou-me para a Agência de Propaganda Traço, em Aracaju, onde passei algum tempo.

Cecília - Quais são seus planos para o futuro?

Wagner - Uma vez Luciano Calegari disse que via muitos projetos, mas que nada traziam de novo. Que ninguém mudava a história. Eu quero mudar a história da TV no Brasil.

Cecília - Fazendo uma análise de sua profissão, que pontos poderiam ser considerados negativos?

Wagner - A dificuldade em compreender em que nível de aprendizado se está. Enquanto não se descobre o seu próprio limite, só se caminha negativamente. Não se amadurece e nem permite este lento processo.

Cecília - E os positivos...

Wagner - Todos. Consciência crítica com relação a mim e a sociedade. Descobri poder de mudança da sociedade. Saber que a comunicação é a ciência do terceiro ou quarto milênio e é a que vai permitir a configuração das novas ordens sociais. É importante, também, saber que precisamos nos transformar para conseguirmos transformar o mundo, mudando a história de maneira favorável à humanidade.

Cecília - Você já passou por alguma situação perigosa?

Wagner - Algumas... Em 1993, trabalhando para o governo do Amapá, fomos ver o estado arrasador da cólera em uma região próxima ao Oiapoque. Fizemos a matéria, e na hora de vir embora o avião que foi nos buscar era muito pequeno e não aguentava todo o peso do equipamento. O piloto deu o máximo do avião, mas não conseguia a altitude adequada.

Ficamos sobrevoando a Floresta Amazônica sem poder aterrisar. O piloto dizia que já tinha visto muita morte e nós acreditamos que iríamos morrer também. O céu era de um azul celeste, lindo, brilhante como jamais tinha visto em toda a minha vida. Ele explicava que a tarde havia a transição da luz, a chamada Aurora Boreal, é o momento em que o sol se esconde e o céu continua iluminado, e ele dizia também, que era a hora certa para falarmos com Deus. Um momento mágico, único.

Pensava que o avião não decolava devido ao meu peso e rezava baixo, em sussurros, quase gemidos. Foram segundos de prazer e dor, em uma alucinante agonia. Abaixo, apenas uma imensidão de floresta fechada e acima, um infinito azul.

Em uma outra ocasião, nós estávamos no Oiapoque e precisávamos fazer uma matéria no Suriname e, para isso, era necessário atravessar o rio Amazonas. E a forma que encontramos para fazê-lo foi à noite, clandestinamente, em uma voadeira (jangada com motor). A travessia é

pequena, cerca de 2 horas, porém muito perigosa. O rio é cheio de pedras, bancos de areia, redes e raízes de árvores, e põe em risco o trajeto. A pequena voadeira por pouco não afundou, devido ao peso do equipamento, e talvez, ao meu próprio peso. Sorte que o piloto era muito habilidoso e conhecia todo o trajeto. Mas o medo imperava, pois sabíamos que muitas jangadas desapareceram naquela região sem a menor explicação.

Na mina do Salamangone, no Amapá, a mais de 1500m da terra, com ar rarefeito, um calor escaldante, e uma terrível sensação da proximidade da morte, passamos alguns momentos desagradáveis. A incômoda certeza de estarmos caminhando por um local pouco habitado, com as paredes cobertas de ouro e que por isso trouxera tantas vítimas, nos deixava atordoados. Parecia os mortos velavam por nós.

Mas, de todos os trabalhos perigosos por que já passei, não há nada mais arriscado do que lidar com a politicalha de nosso país. A campanha política que comande de ACM, com certeza, elevou nossa adrenalina.

Descobrimos que Roberto Santos, candidato opositor de Antonio Carlos pelo PMDB e ex-ministro da Saúde, havia liberado, em 1982, a venda de sucos contaminados. A população, indignada, organizou um enterro simbólico na Cinelândia e viemos ao Rio reconstituir este ato, para a campanha de ACM.

Procuramos então, a Maria Betânia Villela, presidente do PROCON, que funcionava dentro da Secretaria de Segurança Pública no governo de Moreira Franco, para que ela fizesse alguma declaração. Quando ela descobriu que a havíamos enganado e que o material seria usado contra um companheiro seu de governo, rapidamente acionou a polícia, que, coincidentemente, ficava na sala ao lado.

Só deu tempo de correr e ir pra Globo reproduzir as imagens, para que houvesse uma cópia, caso fôssemos pegos. Foi aí que percebi o quanto Antonio Carlos tem influência no jornalismo da Globo. Eles simplesmente pararam o RJ-TV segunda edição para que pudessemos copiar a fita. Enquanto isso, a polícia tinha ido para o aeroporto e adiado o voo para a Bahia, pois tínhamos dito que iríamos pra lá. Nisso, mudamos de avião e fomos para Brasília e esperamos as coisas se acalmarem para depois embarcarmos para a Bahia.

(entrevista concedida à Cecília Rodrigues)

ANUNCIE
AQUI!

MERCADO NEGRO

O que muito me impressiona o senso crítico em relação ao que se vê em matéria de modismos e de posturas baseadas numa visão comercial de estilo de vida, é a repentina inserção dos negros neste "mercado", que abarca de cosméticos a carros do ano, de roupas finas a estilos de penteado exóticos.

Durante décadas, ou melhor, desde que a televisão se consolidou como o veículo de comunicação mais contundente e versátil, não precisamos ser ingênuos para admitir que ao negro não foi legado posto algum, e que os artistas que apareciam na tela, não passavam de caricaturas comportamentais, validando o discurso da "estereotipia carnalizada", do negro como discurso do humor, da lascívia e do grotesco.

Creio ser desnecessário enumerar o drama etnológico da raça negra desde seus primórdios só para vermos o essencial: esta "onda", este apelo dirigido a uma raça (ou classe) em nível comercial não corresponde a uma realidade vivida, e sim, a uma realidade idealizada e perseguida: a realidade burguesa.

De todos os produtos já feitos para "embranquecer" o negro, o pior é a crença de que este deva buscar raízes onde já não mais pode reconhecê-las. A África é sonho, uma utopia tão longínqua e exótica, que ao buscar uma pretensa "origem" naquele lugar, o negro não faria mais do que repetir um modelo de expansão, ou de afirmação de superioridade, tal qual fizeram os brancos durante tantos anos...

A hiper-valorização da estética negra e do continente africano, deve, em algum momento, dar lucro à alguém de determinada forma, em algum lugar, e isto me preocupa.

No momento em que o Capital cria um grupo econômico, é fácil para este, criado em determinada conjuntura, pensar-se como auxiliador de outras pessoas que lhe são semelhantes, e um grupo neste caso poderia ser, como exemplo, os judeus. Todos sabem da união ideológica que os judeus possuem, e de como são unidos em ideais que contrariam crassamente outros grupos social e economicamente desprivilegiados, mas não é isto que está em discussão.

O que, como disse, me impressiona o senso crítico e está em discussão, é ver através da "nova mídia" que se delinea em revistas de nome "Black", "Raça" e outros similares, uma classe emergente negra que na prática não existe. Ainda hoje pode-se perguntar se se conhece alguma família negra de classe alta, e não ouviremos resposta afirmativa (apesar dos negros serem "quatrocentões"). O paradigma do "negro rico" ainda é Pelé, e se há empresários negros que alcançam a mídia, é incrível: contam as histórias de atitudes racistas que sofreram por parecerem "pobres".

Pretender criar uma cultura que "seja" de determinado grupo é no mínimo uma incoerência. A verdadeira pluralidade se dá no reconhecimento da cultura alheia e do esquecimento de um provável "nivelamento", postulado seja que não há inferioridade ou superioridade cultural. A Cultura enquanto conceito é igual em Kant ou em um índio antropófago. Onde se chega com conclusão tão óbvia?

Simples: o negro também come "margarina", e nem por isso apareceu em comerciais na TV; garanto que também come ou já comeu Iogurte, salsicha, macarronada, pratos da cozinha italiana, e nem por isso, até hoje, apareceu como "consumidor de guloseimas", como o são as "famílias perfeitas" caucasóides. O mercado não conhece cor, quem faz parte dele, talvez. Atualmente não há nenhuma diferença de consumo entre negros com acessibilidade e brancos com acessibilidade, e aí reside o engodo, aí reside a dominação.

Pretender criar uma cultura que "seja" de determinado grupo é no mínimo uma incoerência. A verdadeira pluralidade se dá no reconhecimento da cultura alheia e do esquecimento de um provável "nivelamento", postulado seja que não há inferioridade ou superioridade cultural. A Cultura enquanto conceito é igual em Kant ou em um índio antropófago. Onde se chega com conclusão tão óbvia?

Simples: o negro também come "margarina", e nem por isso apareceu em comerciais na TV; garanto que também come ou já comeu Iogurte, salsicha, macarronada, pratos da cozinha italiana, e nem por isso, até hoje, apareceu como "consumidor de guloseimas", como o são as "famílias perfeitas" caucasóides. O mercado não conhece cor, quem faz parte dele, talvez. Atualmente não há nenhuma diferença de consumo entre negros com acessibilidade e brancos com acessibilidade, e aí reside o engodo, aí reside a dominação.

É aceitável que Eddie Murphy, Arsenio Hall e Whoopy Goldberg (nome judeu), tenham abocanhado sua fatia no mercado cinematográfico, apesar de ainda não terem saído (ou terem definitivamente entrado) da atmosfera picaresca, o que é contrário à atuação de um Denny Glover (apesar das "Máquinas Mortíferas") ou Sidney Poitier. Porém, nunca os vi doarem dinheiro para o Zimbábue ou para Rwanda, onde há tantos negros "irmãos" quanto nos EUA, onde se pretende "via" cinema e outros meios, denegrir a islamização, transformando-a em conivente com o tráfico de drogas e com a prostituição, quando vemos a verdadeira guerra dos muçulmanos na África do sul contra as drogas, chegando a requintes de violência (o que é errado, mas, e a violência do traficante, não conta?). O cinema americano aborda personagens como "Karim", que era o braço direito de Wesley Snipes em "New Jack City", como responsáveis por uma "estrangeirice" chamada Islam, e que está no meio de tudo o que possa afetar a perfeita família e sociedade americana, que para o Mundo, sempre será a mais justa (quase esperei que no filme aparecesse o Chuck Norris).

Não vejo na prática, nenhuma melhoria que a presença ou não de negros na mídia possa ter feito de bom ou mau ao mundo ou à sociedade, ou que possa vir a fazer. Um negro anunciando pasta de dente não mudará em nada a condição de outro negro que possa ou não comprá-la. Se partíssemos da hipótese de que um dia todos os negros entrassem em navios ou jatinhos, e desembarcassem na África, encontrariam Canaã?

Não. A África já tem problemas demais, ainda é palco de atrocidades, guerras, peste, morticínio. O que nos dá alívio por lá não morarmos ou sequer estarmos perto. Lutar empunhando cheques é mais seguro (quando se assina algum...). Nem todos podemos ser Malraux.

O mundo encurtou, criou novas regras, e se a relação do negro nas sociedades parece ser artificial, reside aí o alvo da mudança a ser discutida. "Para quê racismo?" "Para quem o racismo é bom?" Estas parecem ser propostas interessantes para serem discutidas. A discussão não está em ganhar dinheiro para ser "aceito", ou ser empresário, ou ter cargos que dão imunidade, ou ser alvo de desconfiança por causa de aparência ou pigmentação... a raça existe para o convívio, e não como afirmação pura ou panfletária, a raça não existe e nem pode existir como MERCADO.

É preciso amadurecer o suficiente dentro dos "movimentos" para só então sabermos o que pode vir a ser feito contra as estruturas que pregam e validam o racismo. Dizer

(continua na pág. 07)

que o racismo não existe é uma mentira, mas partir para uma histeria anti-racista não trará benefício nem progresso para raça nenhuma.

O mercado determina hoje quem ou qual grupo humano está na moda. Não me admiraria se em breve passássemos a ver a moda de "tranças de rabino", "quipá hi-tech" e "turbante sikh" nas ruas, pois o que já se vê em determinadas áreas do Rio de Janeiro são pessoas que se "fantasiam" de africanos, transformando bairros lúgubres numa imitação do centro de Botswana. Desculpem amigos, mas a África não é aqui.

PÔ, BARRETÃO, O QUE É ISSO ?

Na década de 60, o Brasil passou por momentos difíceis, situações tensas, porém, engana-se quem pensar que ele foi o único. Na verdade, foi uma cadeia de acontecimentos interligados que teve como repercussão uma violência desumana e exacerbada, em vários pontos do planeta.

Em 64, enquanto o Brasil era tomado por um duro golpe militar, ridiculamente classificado como "Revolução", nos Estados Unidos era assassinado Martin Luther King, dirigente negro que como Ghandi e Thorea, dedicou sua vida contra a discriminação racial e pelos direitos civis.

O II Festival de Música Popular Brasileira, produzido pela TV Record, em 66, estremeceu as bases relativamente sólidas dos "milicos", a música "A Banda" de Chico Buarque e Nara Leão teve que dividir, depois de uma tumultuada decisão, o primeiro lugar com Theo de Barros, que concorreu com *Disparada*. Na passagem do ano de 67, as ruas brasileiras começam a sentir melhor o estremecimento causado pelos tanques e pelas botinas dos militares no poder. Por um lado, a oposição amordaçada se dividia: a esquerda começava a se fragmentar, parte dela ainda acreditava em uma luta pacífica, pelos meios institucionais, enquanto outra facção somente via saída na luta armada. Apesar do Brasil já estar sob as botas da ditadura, a televisão era ainda incipiente e juventude da época respirava música brasileira, teatro brasileiro, literatura brasileira e cinema brasileiro. *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, poeta brasileiro cujo estilo austero e racional tratava do problema agrário, foi um sucesso, ganhando o festival de teatro universitário de Nancy, na França, representada pelo TUCA (Teatro da Universidade de São Paulo).

O Tropicalismo, movimento que aflorou no III Festival de MPB e ao III Festival da Canção Popular, traduzia na anarquia de suas letras, todo o descontentamento de uma geração. Na França, os protestos de intelectuais e estudantes por liberdades democráticas gritava ao mundo por justiça social, *liberté, égalité, fraternité* era, para ele, um lema que deveria possuir dimensão universal. Cuba era expulsa do OEA e seus países vizinhos, proibidos de comercializarem com ela e, nos EUA, surgia o movimento hippie contra o consumismo e o alistamento obrigatório para a Guerra do Vietnã.

Na passeata dos "Cem Mil", realizada no Rio de Janeiro por diversas extratificações sociais, gritava-se e exigia-se o direito à liberdade, desde a sexual, conquistada por uma juventude inflamada pela indignação, à liberdade de ideologia política e de expressão, que o AI-5, o mais duro dos Atos Institucionais, havia abolido da Constituição Federal.

A causa da identidade negra deve estar acima de certos modismos e visões de marketing, ainda que este último seja útil, apesar de tudo. Foi por não saber estruturar-se na mídia, que o Movimento Negro foi rechaçado publicamente no "caso" Tiririca. Se não se joga com as armas do inimigo, não se ganha. Ideais não são transmitidos via satélite. Conscientização não dá Ibope.

DENILSON S. VASCONCELOS
Professor de Cultura e Cidadania do Pré-Acari

Pela primeira vez, em 1969, o home pôs os pés na Lua, levado não pela União Soviética, como era previsto, dado que os soviéticos haviam lançado o "Sputnik", mas sim pelos EUA, que deram uma assombrosa largada para o desenvolvimento da tecnologia espacial, cujo principal fim, além da pesquisa científica, era a supremacia tecnológica e talvez a estratégia do futuro projeto "Guerra nas Estrelas". A conquista do espaço significou para os EUA uma posição de vantagem perante os soviéticos. Enquanto isso, no Brasil, o sistema de ensino, tanto básico quanto superior, submetia-se a uma tremenda reformulação. O acordo MEC-USAID era contestado por intelectuais, professores e estudantes.

Como já citado anteriormente, a esquerda dividia-se, e vários grupos eram formados: A la Vermelha do PCdoB, ALN, MRT, Dissidência do PCB, VAR-Palmarenses..., todos acreditando que a única possibilidade de libertação era através da luta armada. O MR-8, *Movimento Revolucionário 8 de outubro* lembrando a morte do líder guerrilheiro Che Guevara, foi mais uma dentre a vasta lista de organizações armadas, apenas mais uma. É claro que não se pode negar a importância do grupo, afinal, tiveram a ousadia de assaltar um banco e, posteriormente, seqüestrar o embaixador norte-americano Charles Elbrick, porém, isso não os torna mais corajosos e relevantes que os outros. Não faz a história desses meninos mais surpreendente que as outras.

"O que é isso companheiro?" se fosse um filme de apenas ficção e não envolvesse tanto a história nacional, e com certeza mundial, poderia ser classificado como formidável, talvez um dos melhores filmes da nova era do cinema brasileiro. Contudo, Barreto se esqueceu de buscar a essência da época, de relatar o momento como realmente ocorreu, ou seja, a hecatombe do mundo. É claro que ele não poderia prender-se a tantos fatos que aconteceram concomitantemente, todavia, ele teria, no mínimo, de ter mais autenticidade. Humanizar o torturador dando-lhe conflitos psicológicos, por exemplo, é eufemisticamente, uma tremenda falta de respeito com as numerosas vítimas da tortura.

Cecília Rodrigues

BIBLIOGRAFIA

- MENDONÇA, Sonia Regina e FONTES, Virginia Maria. *História de um Brasil recente*. Editora Ática, São Paulo, 3ª edição, 1994
PINTO, Virgílio Noya. *Comunicação e Cultura Brasileira* Editora Ática, São Paulo, 3ª edição, 1993
ATLAS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. The Times Editora Globo.
Colaboração: Escobar, Sebastião Lemos, Paulo Cesar Ribeiro e Wagner Bezerra

O QUE É ISTO COMPANHEIROS? É UMA LUTA DE TODOS!

"Quando o extraordinário se torna cotidiano, é a revolução."

Esta frase de Ernesto "Che" Guevara serve como parâmetro para que possamos compreender a utopia da sigla "MST".

Antecedentes históricos: Durante a brutal colonização e divisão do Brasil em 12 sesmarias, a concentração de terra em mãos de poucos marcou a trajetória da ocupação territorial e econômica do país. "Até o final de 1800", os índios e negros protagonizaram essa luta, defendendo territórios invadidos pelos bandeirantes, ou unindo a luta pela liberdade com a da terra própria e construindo os Quilombos. No final do século XIX e início do XX, surgiram líderes carismáticos. São exemplares os movimentos dos Canudos com Antônio Conselheiro, e do Contestado, com o monge José Maria e tantos outros que a História não registrou com devida importância.

Nas décadas de 30 e 40 ocorreram conflitos violentos em diversas regiões, com posseiros defendendo suas áreas, individualmente, com armas nas mãos. Entre 1950 e 1964, o movimento camponês organizou-se enquanto classe, surgindo as ligas camponesas, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTABs), e o Movimento dos Agricultores Sem Terra - (Master). Esses movimentos foram esmagados pela ditadura militar após 1964, os seus líderes foram assassinados, presos ou exilados, o latifúndio derrotou a reforma agrária. Mas entre 1979 e 1980, surgiram diversas formas de lutas em busca da redemocratização do país, mais uma vez os camponeses começam a fazer pressão, diversas ocupações começam a pipocar no território brasileiro. Entre 1983 e 1984 no bojo da luta, as lideranças dos acampamentos, da Encruzilhada Natalina, em Ronda Alta - RS, e o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná (Mastro), organizaram em janeiro de 1984, o encontro de fundação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - (MST).

Faltando três anos e meio para chegarmos ao ano

2000, quando as elites pregam o fim da história, e das utopias, é surpreendente a força de organização do MST, e serve de exemplo para outros oprimidos e excluídos, ainda mais quando analisamos os dados destas instituições (IBGE, INCRA, FAO e CPT)

Segundo as instituições acima, o Brasil possui 850 milhões de hectares; 600 milhões de hectares em áreas cadastradas pelo INCRA; 250 milhões de hectares, de áreas devolutas que "pertence ao Estado"; 285 milhões de hectares, áreas de latifúndios; "264" propriedades acima de 100 mil hectares, num total de 32,5 milhões de hectares; existem 30 milhões de hectares de terra, nas mãos de proprietários estrangeiros; 46 grandes grupos brasileiros, possui 22,2 milhões de hectares, dos quais só utilizam 3,8 milhões de hectares.

De 1991 a 1996 foram mortos 232 trabalhadores em conflitos pela posse da terra, incluindo os que foram massacrados em Corumbiara, e Eldorado dos Carajás. No mesmo período, 26 mil brasileiros foram submetidos ao trabalho escravo no país.

Num país de desiguais como no Brasil, chama atenção o papel representado por certos seguimentos da sociedade, os meios de comunicações, não noticiam com imparcialidade, preferem em nome de uma falsa ordem moral, informam de forma tendenciosa, fazendo pré-julgamento das ações do MST, criticam e condenam as lideranças do movimento, esquecendo-se que no país existem 12 milhões de pessoas, acampadas em barracos de lonas por esse Brasil a fora. E que o governo "Fernando Henrique Cardoso" que eles noticiam como à moderna salvação, que ira solucionar os graves problemas sociais, que existem desde a época dos colonizadores, prefere salvar banqueiros falidos, beneficiar empresários, suborna parlamentares, e compactuar com a elite reacionária deste país, se esquecendo que o barril social estar preste a explodir.

Outro setor que não contribui para solucionar os graves problemas da terra, e o judiciário, são extremamente eficiente e ágeis, ao julgar ações de despe-

jo, enquanto que aquelas relativas à desapropriação, são sempre procrastinadas, demoradas, intermináveis. Não dá para deixar de citar as grandes farsas elaboradas pela justiça, no Pontal do Paranapanema, encarceraram Diolina Alves, separando-a de seu filho doente pelo simples fato de não terem encontrado seu marido José Rainha. Por falar em "Rainha", o tribunal de Pedro Canário o condenou a mais de 20 anos de cadeia num julgamento, que a defesa apresentou os eis secretários de agricultura e segurança do Ceará, testemunhando que na época do dito crime, o réu negociava com eles questões pendentes, da fazenda São Joaquim uma ocupação localizada no município de Madalena - CE, a Promotoria além de não apresentar provas que pudessem incriminar o réu, convocou jurados ligados às vítimas e aos latifundiários locais.

Em abril deste ano, saiu em caminhada dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais, à marcha dos Sem Terra, por onde passaram encontraram apoio e solidariedade, ao adentrarem às ruas da Capital tiveram o reforço de mais de Cem Mil pessoas, o que levou o IBOPE, a afirma que numa recente pesquisa constatou que 83% da população brasileira apoiam a reforma agrária, porém não foi suficiente para balançar a elite brasileira, nem tão pouco sensibilizar o outrora Social Democrata "Fernando Henrique Cardoso".

O latifúndio há cinco séculos patrocina e exerce a dominação política, e exercita sua violência de classe. Porém à história deste movimento me leva à pensar, que no país temos: 45 milhões de desempregados; 2 milhões de garotas e garotos que se prostituem para sobreviver. E isto prova que a história e as utopias não morreram, é preciso unir os operários e proletários urbanos aos camponeses, e construir uma só classe social, para que possamos torna, "a sonhar o sonho possível, e fazer do extraordinário um cotidiano".

JOÃO GILBERTO MARTINS

Aluno do Pré-Vestibular Para Negros e Carentes Núcleo - AFE

ANUNCIE
AQUI!

ANUNCIE
AQUI!

UMA BREVE VISÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS BRASILEIROS

O objetivo deste texto é apresentar uma noção panorâmica de alguns períodos da política brasileira.

As Elites brasileiras jamais foram capazes de desenvolver um sistema democrático de partidos políticos. Também jamais quiseram formar partidos nacionais sólidos, constituídos com base em programas e princípios duradouros... e o medo de uma participação popular efetiva e crescente fez com que os partidos que se permitiriam formalizar fossem usados...

NA REPÚBLICA VELHA (1889-1930) - Prevaleceram os partidos regionais, expressões das oligarquias dos Estados: eram os "Pr's", em que se encartelavam os clãs locais.

Após a Revolução de 1930, a Legislação Partidária tornou-se mais liberal, reconhecia os partidos estáveis, organizados como Sociedades Cívicas, apenas para concorrer a uma eleição, sendo dissolvidos em seguida.

Com o fim da ditadura de Vargas, em 1945, os partidos reapareceram e logo encontraram as primeiras restrições a sua organização (50 mil assinaturas/10 estados). A lei vetava ainda, a formação de partidos considerados "anti-democráticos" que fossem ligados a organizações internacionais e recebessem dinheiro do exterior. O PCB, em 1945, tinha 10% dos votos e feito inúmeros parlamentares. Essa manobra cassou o PCB. O Partido Integralista de Plínio Salgado, de tendência fascista continuou funcionando como Partido da Representação Popular. Assim, o quadro nacional ficou com o PSD (Partido Social Democrático), UDN (União Democrática Nacional), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Os dois primeiros de grandes empresários e fazendeiros e o terceiro dos empresários médios e da burocracia sindical. Criado para contrabalançar e enfraquecer os PC's.

Nos estados ainda havia o PSP (Partido Social Progressista) de Ademar de Barroso Chagas Freitas e PDC (Partido Democrático Cristão) de Ney Braga, Franco Montoro e Plínio Arruda Sampaio. Os demais partidos eram nanicos e nascidos de rivalidades locais, exceto o PSB (Partido Socialista Brasileiro) com ideologia definida e certa seriedade.

No período compreendido entre 1964 (golpe militar) e 1984 existiam 13 partidos. Os dois maiores eram UDN e PSD, conservadores que vinham perdendo espa-

ço e prestígio, e por isso apoiaram o golpe. Os partidos populares cresciam muito e formavam a Frente Parlamentar Nacionalista em favor das reformas de base propostas pelo presidente João Goulart. De início o golpe cassou muitos parlamentares favoráveis ao povo. Em 27/10/1965 o presidente militar Castelo Branco expediu o AI-2 extinguindo os partidos políticos.

Exigia-se que os partidos tivessem 120 deputados federais e 20 senadores. Então, os parlamentares eleitos tiveram que se agrupar em duas coligações: ARENA (apoiava totalmente o regime do golpe) e o MDB (tendo a maioria da oposição).

Em 1970, mais um grupo de oposição aos militares e defensores das causas populares dentro do MDB começava a "entrar no coração" do povo. Após 1974, o ARENA começava a perder espaço político por meio das eleições. Antes, e também na eleição de 1974, o povo começava a dizer não ao regime anulando o voto ou votando em branco. O bipartidarismo se voltava, assim, contra o regime que criara.

O governo tentava salvar a situação criando em 1976 a Lei Armando Falcão que mexia em toda a Legislação, além de dificultar o acesso aos rádios e TV. Em 1977, saiu o "pacote de abril", criando senadores biônicos e cancelando as eleições diretas para governadores em 1978.

Aos militares restavam duas coisas: endurecer mais ainda o regime, e isolar-se no País e no Exterior, ou estimular a criação de novos partidos. A ARENA teve poucas defecções e o MDB, mesmo não querendo, esfacelou-se em vários partidos. No segundo, havia grupos liberais, nacionalistas e populares.

PTB - Para este partido foram os herdeiros do trabalhismo Ivete Vargas, Brizola... PT - Sairam do MDB somente 4 parlamentares para esse partido. Formou-se por sindicalistas, movimentos populares urbanos e rurais, setores progressistas da Igreja Católica...

PP - Moderados do MDB e liberais da ARENA. Tancredo Neves militou nele, e depois foi para o PMDB
PMDB - Antigos do PMDB
PDS - Antigos da ARENA
PDT - General Golbery arma uma situação e dá o PTB a Ivete Vargas. Então, Brizola funda este partido.

De início, o governo em outubro de 1981, criou a lei que favorecia sub-legendas. Depois em janeiro de 1982 impediu as coligações partidárias. Como?

Assim, o PP retornou ao berço do PMDB, pois achava inviável disputar as eleições sozinho. Nas eleições de 1982, o PMDB "conquistou" 9 estados. O PDS ganhou em 10 estados e o PDT em um estado. Mais uma vez o governo fracassa, e em 1984 o PDS divide-se em dois: PDS e PFL. Em 15/01/1985 a Aliança Democrática elege Tancredo Neves com o apoio do PDT, PTB, PFL. Paulo Maluf perde as eleições via colégio eleitoral pelo PDS.

PARTIDOS POLÍTICOS

Num regime democrático as decisões precisam expressar a vontade da maioria. É um processo que se desenvolve através de várias etapas, culminando nas negociações entre o Legislativo e o Executivo, cabendo aos partidos a função de transmitir as necessidades sociais a essas duas instâncias decisórias. Isso requer partidos aptos a identificar as necessidades do povo e transformá-las em propostas políticas e a mobilizar a opinião pública em favor delas. Dificilmente um partido satisfará esses requisitos sem um embasamento ideológico e pragmático.

É preciso determinar a atuação das filiais locais de cada partido e é preciso fazer um esforço para determinar como eles se alinham diante das grandes questões que dividem politicamente, a sociedade brasileira.

DEMOCRACIA E PARTIDOS POLÍTICOS

A construção e consolidação da Democracia exige partidos fortes e institucionalizados, a fidelidade partidária é uma exigência. Um prazo de pelo menos 2 anos de filiação a um partido para concorrer a cargo eletivo. Partidos com programa e base ética. O povo precisa conscientizar-se de seus direitos e deveres políticos; ler mais sobre o assunto, acompanhar a vida política...

De 1990 a 1994 - 100 dos 503 deputados federais eleitos trocaram de partido. Essas trocas evidenciam a falta de coerência política, menosprezo aos partidos e desrespeito aos eleitores.

REFLEXÕES

Como o troca-troca de partidos pode significar um risco para a democracia? De quem deve ser o mandato do eleito? Do povo? Do partido? Ou dele? Por que é equivocada a visão "voto em homens, não em partidos"?

SÉRGIO MAX • Pré - Santa Clara

VIOLÊNCIA POLICIAL

Para falar da violência policial brasileira, é preciso primeiramente, avaliar todo o vasto leque de situações que a sociedade presencia.

Em um país onde existe uma legião de anomalias sociais: analfabetos, meninos de rua, e outros tipos de excluídos, temos uma polícia sintomática que reflete uma sociedade doente.

Examinando mais profundamente a questão, a PM teve um treinamento para ser opressora. Utiliza, até hoje, conceitos obsoletos como BLITZ (inventada pelos nazistas na 2ª Guerra Mundial).

O autoritarismo e a brutalidade vão continuar acontecendo mesmo com o crescimento das denúncias nos meios de comunicação, porque a miséria no Brasil se fortalece com o aparecimento da globalização, que tem a lógica do lucro em primeiro lugar e, para isso, coloca nas ruas trabalhadores que não se ajustam à revolução tecnológica, e às máquinas capazes de substituírem centenas de operários.

As questões sociais como a violência e o subemprego tendem a aumentar. A grande pergunta é: como a nossa polícia vai se ajustar a essas mudanças, ou passará a ser, apenas, um instrumento repressor?

Os agentes da lei, militares ou não, precisam se adaptar de maneira certa às mudanças sociais previstas para esta década.

Já que os especialistas consideram a globalização um processo irreversível, e os males causados por ela são necessários e irrelevantes no contexto mundial, o grande desafio então, é adaptar nossa polícia às mudanças previstas para as próximas décadas, do contrário, esses "agentes da lei" continuarão sendo instrumentos de coação e repressão junto às classes desfavorecidas como representante fiel do sistema falido existente no Brasil a quatro séculos.

JOÃO GILBERTO MARTINS • Núcleo AFE

CALENDÁRIO DE ATIVIDADES DE 1997

REUNIÕES DO CONSELHO GERAL

Setembro 14/09/97 14 h

Outubro 05/10/97 14 h

Novembro 02/11/97 14 h

Dezembro 07/12/97 14 h

Local: AFE - UNIGRANRIO (D. de Caxias)

SEMINÁRIOS DE FORMAÇÃO

Setembro 21/09/97 08:00h

Local: **Pré Santa Cruz**

Praça D. Romualdo 11 • Igreja Matriz N.S. Conceição

ENCONTRÃO DE PROFESSORES

Tema: Cidadania e Conteúdo Programático

ASSEMBLÉIAS GERAIS

Outubro 12/10/97 • 8h (Local em aberto)

A PRESENÇA DOS NÚCLEOS NAS ATIVIDADES DO CONJUNTO DO MOVIMENTO SÃO IMPRESCINDÍVEIS. PORTANTO VOCÊ É IMPRESCINDÍVEL!

Fonte: Secretaria Geral do Conselho

ANUNCIE AQUI!

Envie textos para o Jornal Azânia: em formato Word 6.0 ou 7.0, espaço duplo, máximo de 2 laudas. Juntamente com o nome do Núcleo - cópias em disquete e uma impressão.

CONTATOS:

Denilson (581-8592-noite)

Cecília (537-9400 cód. 213977)

azânia

Jornal do Pré-Vestibular para Negros e Carentes

EDITORES

Cecília Rodrigues • Denilson Vasconcelos • João Gilberto Martins • Wagner Sant'anna

COLABORADORES

Jobson Lopes • Mário Fumanga • Sérgio Max Lincoln da Mata Gonçalves

Apoio

Centro Acadêmico de Letras UFRJ Gestão Q.I.